

## O PROCESSO SINTÁTICO NA ORAÇÃO APOSITIVA

Luiz Antonio Gomes Senna\*

O presente trabalho tem por objetivo analisar o comportamento das ORAÇÕES SUBORDINADAS E SUBSTANTIVAS APOSITIVAS, buscando eventuais conflitos existentes entre a identidade destas e os conceitos de SUBORDINAÇÃO e COORDENAÇÃO. A relação entre as orações apositivas e os processos de estruturação de sintagmas complexos servirá como mais um recurso para elucidar a origem funcional de cada um desses processos.

A motivação geral das idéias contidas neste pequeno exercício é oriunda das reflexões feitas pelo grupo de estudos do Curso de Estruturação de Orações do Português, em 1982-1, conduzido pela Prof<sup>a</sup> Eneida Monteiro Bomfim no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A seguir, encontram-se três momentos distintos que tratam, respectivamente: i — a caracterização do aposto; ii — da caracterização da oração apositiva; iii — das relações entre oração apositiva e os processos de configuração de sintagmas complexos.

Antes de iniciarmos, resta-nos ressaltar que não nos deteremos aqui no aprofundamento da análise sobre o aposto de forma generalizada, mas, nas relações entre a ORAÇÃO APOSITIVA e os demais elementos da frase, especificamente, aqueles com os quais essa mantém relações mais íntimas.

---

\* Professor de Língua Portuguesa do Col. Aplic. da UERJ.  
Professor de Com. Expressão da PUC-RJ.  
Responsável pelos Programas de Reciclagem do CIEP/Boiobi — SMEC-RJ.  
Professor Ens. 2º grau, Col. Brig. Newton Braga — Min. Aer.  
Mestre em Língua Portuguesa — PUC-RJ.

## 1. O APOSTO

Dentre as funções sintáticas que incorporam o conjunto de termos acessórios da oração, há uma que se costuma chamar "aposto". A maioria dos compêndios tradicionais costuma não deter muita atenção neste termo oracional, analisando-o de forma, na maioria das vezes, deveras superficial, limitando-se a caracterizá-lo como mais uma função exercida pelos substantivos. Entretanto, basta buscar uma apreciação menos rasa sobre sua personalidade para se evidenciar uma estrutura bastante complexa, com comportamento intrínseco e peculiar.

O aposto é dito uma EXPLICAÇÃO, ou seja, a extensão do significado de outro nome, que, na maioria das vezes, tem valor predicativo. Por isso, alguns autores chegam a classificá-lo como uma espécie de adjunto adnominal (Cf. LUFT 1979 : 42), atitude esta que se apoia na própria herança conceitual atribuída ao aposto através dos tempos e, por conseguinte, coerente com a tradição gramatical. Observe-se no excerto abaixo, como o Prof. E. Bechara o conceitua:

*"(...) Ela — a aluna — saiu por último.*

*A este tipo de explicação chamamos aposto, que pode ser assim definido: uma expressão de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outra expressão de natureza pronominal ou substantiva para melhor explicá-la, ou para servir-lhe de equivalente, resumo ou explicação." (BECHARA 1978 : 94)*

Como representa uma das funções exercidas pelos substantivos, o aposto também é passível de ser desdobrado em oração, ordinariamente classificada como subordinada, nem tanto pela sua estrutura mas pelo fato de ser a transformação de uma função tipicamente substantiva em oração. A tal questão retornaremos adiante, quando tratando de questões relativas à oração apositiva.

Se nos cumpre recordar, e fá-lo-emos rapidamente, tornemos nossa atenção a questão seguinte: por que a oração apositiva é considerada subordinada? Trata-se a hipotaxe de um processo pelo qual um determinado canal da frase faz-se preencher (atualizar, na terminologia técnica convencional) por um termo complexo qualquer de origem oracional ou

locucional que, portanto, fica-lhe condicionado, como um termo inerente a seu corpo sintagmático. Sob este ângulo, sem dúvida, a oração apositiva não só pode como deve ser considerada como oriunda de uma transformação de origem subordinativa, visto que exerce função na cadeia sintagmática da frase principal. Por outro lado, há um fato *sui generis* sobre o qual nos cumpre tecer considerações mais cuidadosas. Vejamo-lo, pois.

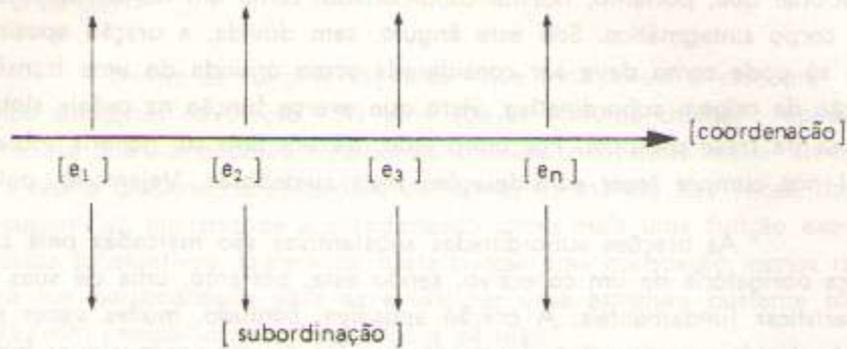
As orações subordinadas substantivas são marcadas pela presença obrigatória de um conectivo, sendo esta, portanto, uma de suas características fundamentais. A oração apositiva, contudo, muitas vezes não é introduzida por conectivo algum, nem se faz marcar por qualquer índice subordinativo (por exemplo, [ -R ], [ -ndo ] [ -do ], etc. ), nem tampouco se faz valer do modo subjuntivo, como algumas adverbiais justapostas. Desta forma, verifica-se que esta oração (apositiva) não se comporta estruturalmente como subordinada, mas como coordenada. Este representa o único caso detectável de subordinação não marcada por conector, ainda que se faça lembrança de casos de justaposição decorrentes da utilização de palavras de natureza pronominal sem antecedentes, como por exemplo: quem, quanto, como, quando, etc. (Cf. BECHARA 1978 : 116). Tais termos por último citados possuem, entretanto, a partícula "QU", a qual, cogita-se, trata-se de uma forma conectiva universal do português, condensada em circunstâncias pronominais<sup>1</sup>.

Ressaltamos, então, uma segunda outra ocasião bem menos problemática, sobre a possibilidade de coexistência, em uma mesma estrutura, de ambos os processos de formação de unidades complexas: subordinação e coordenação. Tal questão se soluciona através da simples análise dos princípios que regem os dois processos: a coordenação tem função completamente distinta da subordinação. Aquela trata das transformações que ocorrem na cadeia sintagmática linear da frase, enquanto que esta, a subordinação, trata das transformações efetuadas na estrutura morfo-sintática dos termos da língua, ou seja, a nível da verticalidade paradigmática. Tal questão é criteriosamente abordada por L. TESNIERE em sua obra *Eléments de syntaxe structurelle* (1969 : 313-9), cujos ensinamentos podem ser resumidos e visualizados através do QUADRO I abaixo:

---

1. A questão do "QU" como conectivo universal das orações em português foi levantada pela Prof<sup>a</sup> Eneide M. Bomfim (PUC-RJ) durante o curso de Estruturação das Orações do Português. Cita-se com sua prévia autorização.

QUADRO I



Desta forma, não há porque imaginar-se que duas formas subordinadas não possam estar coordenadas entre si ou a um termo qualquer não subordinado.

Nosso objetivo neste trabalho é analisar a oração apositiva como constituída de certo hibridismo estrutural já que apresenta características da subordinação e da coordenação, e verificar até que ponto se estende sua identidade com cada um dos dois processos.

Adiante, seguiremos analisando a oração apositiva, classificando-a e determinando-lhe as estruturas possíveis e fundamentais.

## 2. A ORAÇÃO APOSITIVA

Inicialmente, vale recordar que nem todos os tipos de apóstos existentes são passíveis de transformação ao universo das orações, como, por exemplo, os seguintes: i — aqueles que especificam nomes ou lhes atribuem cognominações: rio Amazonas, Praça Marechal Floriano, etc., ou; ii — o partitivo, que se configura a partir da intenção de determinar uma porção específica do grupo representado no sintagma precedente: “os carros nacionais, **principalmente os utilitários**, estão muito caros”. Visto que nosso objeto neste trabalho é analisar o comportamento das orações apositivas, os casos acima não merecerão imediata atenção, ainda que, por fatores mais relevantes, devamos tornar ao assunto com maior cuidado.

A classificação tradicional que subdivide as apositivas em explicativas e restritivas não é de modo algum pertinente, pois nem sempre estas se comportam como meros adjuntos adnominais, mas, sim, exercem outras funções na frase. A sub-categorização destas orações deve ser con-

dicionada à função que os sintagmas exercem e, como veremos adiante, esta pode variar. Esta variabilidade funcional faz do aposto uma classe à parte, com comportamento peculiar.

As orações apositivas podem exercer as seguintes funções: predicativo ou complemento nominal. Vejamos como cada uma delas se comporta.

### 2.1 A Oração Apositiva com Função Predicativa

Este tipo de oração apositiva funciona como um sintagma de caráter nominal que contém a mesma identidade semântica no ambiente contextual da frase que um outro, anterior, cujo sentido é incompleto ou prescinde de termo que lhe complete a transitividade. O sentido de um e outro termos é intercomplementar. Pode-se perceber que a predicação é tratada aqui em seu sentido mais latente, quando um termo recebe a predicação sem a utilização formal do verbo de ligação (Cf. JESPERSEN 1971 : 57 — 62).

As orações apositivas predicativas podem ocorrer nos seguintes ambientes:

1 — Só **uma coisa** o fazia lembrar de casa: **sentir fome.**  
n1 n2

O termo aposto é uma oração que preenche o valor semântico do sintagma subjetivo (n1 ← SN ← F). A mesma estrutura pode ocorrer com os demais sintagmas nominais da frase (objetos).

2 — Perguntei-lhe **uma coisa: quando ia aposentar-se.**  
n1 n2

Em outras circunstâncias o termo apositivo pode ser uma variável da estrutura da oração subordinada predicativa, em que o verbo de ligação é substituído pelos dois pontos (:).

3 — Convoco a todos para uma reunião. **Tema: como reorganizar o cronograma.**  
n1 n2

Em (3), acima, o aposto representa nada mais do que a constituição de um predicativo equativo. Observe-se o mesmo em (4), abaixo

4 — O menino fez **uma grande bobagem: quebrou o copo**  
n1

do colega.

n2

... em que se verifica um caso típico de oração apositiva sem conectivo de espécie alguma que não seja a entonação introduzida pelos dois pontos. Nos demais casos ( 1), (2) e (3) ), encontramos, respectivamente: [ -R ] (ter), quando e "como + [ -R ]'.

## 2.2. A Oração Apositiva com Função de Complemento Nominal

Configura-se a partir do deslocamento do complemento nominal para uma posição destacada das demais, geralmente no fim da frase.

5 — Um temor o perseguia: **que a velhice lhe enfraquecesse a fibra de guerreiro.**

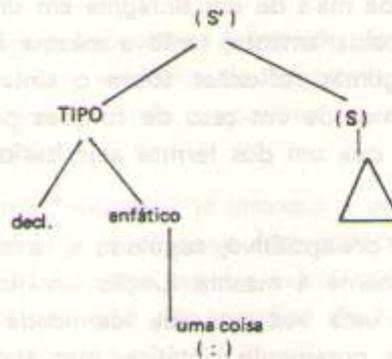
Observe-se que a mesma frase sem o elemento apostro poderia ser expressa da seguinte forma:

5.a — O temor de que a velhice lhe enfraquecesse a fibra de guerreiro o perseguia.

Um elemento sempre presente em todos os casos, ( 2.1 ) e ( 2.2 ), é o termo que deixa aberta a **expectativa**, ou seja, o dado que introduz a aposição. Fica clara, então, a intenção enfático-estilística do emissor, que conduz toda a tensão da enunciação para um ponto determinado da frase. Tal posicionamento desencadeia implicações mais abrangentes, como por exemplo: o aposto, nestes casos, poderia ser considerado como uma transformação de base, alterando o tipo da frase, que passaria, então, a [ + enfática ]. Na construção da árvore viriam especificados o termo que introduz a expectativa e a pontuação utilizada. A respeito, pode-se fazer menção à proposta semelhante apresentada por LAKOFF (1970), que visa dar conta da problemática da interferência fonológica na constituição da imagem de termos colocados em situação de "foco", através da regra "A<sub>1</sub>: S → S' Foco Pressuposição" (o processo é descrito em LEMLE (1984 : 31 — 34). Observe-se no diagrama abaixo a descrição do aposto que considera a sua identidade [ + enfática ]:

[ S ] = José comprou uma coisa para você: um sarvete.

DIAGRAMA 1



Esta proposta precisa ser analisada com bastante cuidado, entretanto, pois sua utilização parece ser condicionada a diversas restrições de ordem descritiva que podem torná-la pouco operacional no modo como se faz representar no diagrama. Cabem aqui investigações mais profundas, acerca das implicações que a inserção de informações deste tipo nos modelos de descrição formal pode trazer.

Fundamental, contudo, é ressaltar o fato de que existe um elemento que abre a expectativa em todas as ocorrências de orações afirmativas. Quando não ocorre este elemento, o aposto NÃO é passível de transformação para o âmbito das orações. Vejamos, a seguir, qual a relação entre cada um dos elementos já citados: aposto — subordinação — coordenação — expectativa.

### 3. COORDENAÇÃO, SUBORDINAÇÃO E EXPECTATIVA NA ORAÇÃO APOSITIVA

Vimos no item anterior que as orações afirmativas caracterizam-se pela presença de um elemento qualquer que construa a ambiência de expectativa, cuja tensão coloca o aposto em posição de destaque na frase. Este elemento introdutório é mencionado por LUFT, C. (1979) ("termos acessórios da oração") e tem por característica possuir significado dependente de complementação EXTERNA. A relação entre os signatários dos dois termos, como já tratamos atrás, é de intercomplementaridade. Analisemos, portanto, que relações podem se estabelecer entre este fato e os processos de estruturação de unidades signatárias através da coordenação e da subordinação.

Se recordarmos mais uma vez que a coordenação é o processo de ajustamento de mais de um sintagma em um mesmo canal da frase, quando ambos, necessariamente, terão a mesma função, podemos imediatamente propor algumas reflexões sobre o sintagma apositivo oracional. Na realidade, tratamos de um caso de funções paralelas e, portanto, de coordenação, ainda que um dos termos seja basicamente transformado pela subordinação.

Aquele pré-apositivo, seguindo a terminologia de LUFT (1970), desempenha exatamente a mesma função sintática que o aposto. Difere, entretanto, deste, uma vez que sua identidade personifica uma função além, mais do que puramente sintática, mas fundamentalmente SEMÂNTICA: marcar o início da expectativa e direcionar a tensão para o termo que realmente comporta o significado relativo ao canal da frase. Um processo, pode-se perceber, bastante semelhante ao da topicalização. Logo, a oração apositiva é coordenada à expectativa que a introduz, e o canal da frase faz-se preencher por dois elementos disjuntos estruturalmente, porém coligados semântica e funcionalmente.

$$\left\{ \begin{array}{l} n_1 - \text{pré-apositivo} \\ n_2 - \text{oração apositiva} \end{array} \right.$$

$$S \rightarrow SN \text{ SV}$$

$$SV \rightarrow v \ n_A / n_A = n_1 + n_2$$

6 — Ele fez isto: **quebrou o vaso com a bola.**

n1 n2

Em (6), acima, os termos [ isto ] e [ quebrou o vaso com a bola ] têm a mesma função e a mesma identidade semântica; portanto, ambos representam o mesmo corpo semântico e aparecem como se fossem apenas 1 (um) acompanhado de sua imagem reflexo.

A oração apositiva, por sua vez, não perde suas relações com a subordinação porque representa uma transformação em nível do paradigma dos nomes: a oração exerce uma função peculiar ao universo dos nomes ( em (6): objeto direto ). Assim, temos uma estrutura que se descreve como:

- i — uma oração passa a exercer função de nome ( processo subordinativo ou hipotático);
- ii — um termo pré-apositivo é introduzido na frase para construir um ambiente de expectativa sobre a oração, que se torna, então, apositiva (processo coordenativo ou paratático).

O próprio termo "aposição" já introduz a origem do processo: nele há sempre algum termo da oração que está deslocado dos canais básicos da frase. Assim sendo, o aposto sempre estará centrado no processo coordenativo. Analisemos um caso não passível de transformação em oração para verificar esta proposta:

- 6 — Os alunos, **principalmente os do primeiro turno**, chegam atrasados.
- n1 n2

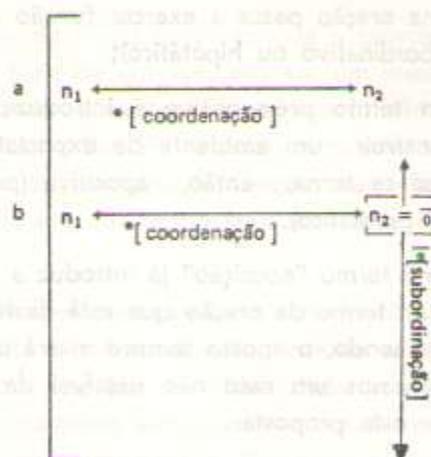
Observe-se que os dois sintagmas exercem a mesma função e são, semanticamente, intercomplementares, portanto, estão coordenados entre si.

Ao lado desta coordenação inerente à aposição podem ocorrer, simultaneamente, casos em que uma das formas nominais coordenadas se faça representar sob a forma de uma estrutura diferente da categoria dos substantivos, como por exemplo, uma oração.

- 7 — Ele disse **uma última coisa** antes de partir: **adeus**.
- n1 n2

- 7.a — Ele disse **uma última coisa** antes de partir: **que voltaria logo**.
- n1 n2

... Tal construção encontrada em (7.a) apresenta uma oração transformada pela subordinação para exercer a função de NOME e determina um caso de coexistência entre a subordinação e coordenação em uma só estrutura. Esta forma apositiva oracional ocupa, como se identifica em (7.a), o espaço reservado ao segundo termo coordenado (n2) e é sempre indicado ou introduzido pelo primeiro termo de grupo coordenado (n1, chamado pré-apositivo). O elemento pré-apositivo representa um recurso com o qual o falante direciona a tensão da expectativa da mensagem para o significado daquele que o sucede.



**CONCLUSÃO**

A coordenação e a subordinação são processos completamente distintos, pois atuam em diferentes esferas do universo frasal; por isto, podem ocorrer simultaneamente em ambientes correlatos. Nosso objetivo foi comprovar este fato analisando como ele ocorre na configuração das orações apositivas.

O aposto, como o próprio nome já diz, representa uma alteração qualquer na cadeia sintagmática, especificamente, um deslocamento que ocorra comum de seus sintagmas constituintes. Alguns tipos de aposto podem ser transformados para o universo das orações, mas isto só vai acontecer quando houver na frase matriz um elemento pré-apositivo introdutor de uma ambiência de expectativa sobre o significado semântico da estrutura apostá.

O elemento introdutor e o aposto mantêm relações estreitíssimas entre si, visto que o primeiro só funciona como "direcionador". Só o segundo é capaz de exprimir o significado que preenche a lacuna aberta pelo primeiro na cadeia sintagmática. Assim sendo, nestes casos, determina-se a coordenação de dois elementos com funções paralelas.

Ao lado desta coordenação, ocorre a subordinação quando o termo aposto (possuidor de função nominal) é representado por um sintagma oracional, o que determina a coexistência dos dois processos: coordenação e subordinação. A marca da subordinação, nesta oração, é di-

ferente das que ocorrem nas demais orações substantivas: pode vir representada por conectivos ou não, pois a própria coordenação com o elemento introdutório (marcada pela pontuação ou entonação) funciona como marcador da subordinação.

O fato de só ocorrerem orações apositivas diante de um elemento introdutório (pré-apositivo) leva-nos a concluir que aquela é condicionada diretamente à circunstância proposta pela expectativa e, simultaneamente, aos processos de coordenação, pois há dois termos com a mesma função ocupando um único canal da frase, e subordinação, uma vez que a oração é um elemento estranho ao universo dos nomes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. **Lições de português pela análise sintática**. Rio de Janeiro, Griffo, 1978.
- . **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo, Nacional, 1976.
- . **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo, Nacional, 1976.
- CÂMARA JR., J.M. **Dicionário de lingüística e gramática**. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra, Armênio Amado, 1978.
- CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1977.
- DIAS, E. **Sintaxe histórica portuguesa**. Porto, Clássica, 1954.
- GARCIA, O.M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro, F.G.V., 1978.
- GILI Y GAYA, S. **Curso superior de sintaxe española**. Barcelona, Bibliograf, 1969.
- HALLYDAY, M.A.K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J., org. **Novos horizontes em lingüística**. São Paulo, Cultrix, 1976.
- JESPERSEN, O. **La philosophie de la grammaire**. Paris, Minuit, 1971.

- LEMLE, M. **Análise sintática; teoria geral e descrição do português.** São Paulo, Ática, 1984.
- LAKOFF, G. **Irregularity in syntax.** New York, Holt, Rinehart G. Winston, 1970.
- LUFT, C. **Moderna gramática brasileira.** Porto Alegre, Globo, 1979.
- NASCENTES, A. **O idioma nacional.** Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960.
- OITICICA, J. **Manual de análise.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1940.
- POTTIER, B. **Lingüística moderna y filosofia hispanica.** Madrid, Gredos, 1968.
- LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, José Olímpio, 1976.
- RUWET, N. **Introdução à gramática gerativa.** São Paulo, Perspectiva, 1975.
- SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1964.
- . **Gramática histórica da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1964.
- SECHEHAYE, A. **Essai sūr la structure logique de la phrase.** Paris, 1926.
- TESNIERRE, L. **Eléments de syntaxe structurale.** Paris, Klincksieck, 1969.